

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**NILSA DA SILVA RODRIGUES DOS SANTOS**

**O PRAZER DE LER NA SALA DE AULA**

**Porto Alegre**  
**2010**

**NILSA DA SILVA RODRIGUES DOS SANTOS**

**O PRAZER DE LER NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

**Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gláucia R. R.de Souza**

**Tutora: Letícia Schmarczek Figueiredo**

**Porto Alegre  
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretora Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu filho Eduardo,  
meu esposo Lúcio, meus pais e a todas as  
pessoas que contribuíram na conquista  
deste sonho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me fortalecido durante essa jornada, pela sua luz em minha vida.

Agradeço ao meu filho Eduardo e ao esposo Lúcio pelo amor, companheirismo e compreensão durante os momentos em que estive ausente durante esta jornada.

Agradeço também aos meus pais, apesar de não mais estarem presentes. Foram as pessoas que mais me incentivaram e me apoiaram na conquista dos meus sonhos.

Agradeço ainda a minha grande amiga Dulce, pelo companheirismo, amizade, dedicação durante minha jornada.

À professora Suzana, tutoras Giselda e Ângela, colegas pelo incentivo, compreensão e estímulo para ter continuado na minha caminhada acadêmica.

Aos coordenadores do curso. Trabalharam com dedicação para que este se tornasse realidade em nossas vidas, na realização de um grande sonho!

A todos os professores e tutores que, durante o curso, valorizaram, incentivaram e contribuíram para a construção e aperfeiçoamento dos conhecimentos, num diálogo entre teoria e prática.

À amiga e colega Elza, por ter me incentivado a começar minha caminhada no PEAD e pelo companheirismo na minha trajetória.

Aos meus alunos do Terceiro Ano, com os quais aprendo a cada dia que a luta vale a pena. Neste TCC são protagonistas dos meus relatos de experiência na prática docente.

De forma especial e estimável à Tutora Letícia e à professora Glaucia que com carinho, incentivo e empenho, foram muito importantes na orientação deste trabalho de Conclusão de Curso.

*Para aprender a ler, o não-leitor deve se relacionar com os textos que leria se soubesse ler, para viver o que vive. O ambiente deve comportar-se com o não-leitor como se ele já possuísse os saberes que deve adquirir.*

*Foucambert*

## RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre questões relacionadas à leitura e à prática docente em sala de aula. À luz da observação e do estudo da realidade escolar, busca relacionar conceitos trabalhados ao longo do curso de formação acadêmica com a prática de leitura na sala de aula, evidenciando de forma concreta a importância da aplicabilidade de enfoques literários significativos a partir dos quais educadores e educandos elaboram a leitura prazerosa. Procura, assim, apontar intervenções plausíveis para aprendizagem das práticas leitoras a partir de ações pedagógicas conscientes. Os resultados obtidos evidenciam que família e escola precisam compartilhar a tarefa fundamental de proporcionar momentos de leitura às crianças para formar adultos leitores e escritores competentes. O presente estudo foi realizado em uma instituição municipal de ensino da rede pública, com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, tendo como foco central a abordagem da leitura e da escrita na sala de aula.

**Palavras-chave:** Práticas Leitoras. Família. Escola.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A FORMAÇÃO DO LEITOR .....</b>	<b>11</b>
2.1 Contexto Literário e o Mundo Interior do Educando .....	14
2.2 A Importância da Leitura na Sala de Aula .....	17
2.3 O Gosto Pela Leitura: Desenvolvendo o Espírito Crítico .....	19
<b>3 TRABALHANDO COM A LEITURA NA SALA DE AULA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Biblioteca: Espaço de Sedução .....	24
3.2 Pesquisa - Comparativo da Leitura .....	25
3.3 Concepções da Leitura e da Escrita .....	27
3.4 Leitura: Caminho para a Aprendizagem .....	29
3.5 Leitura: Ensinamentos na Escola .....	31
<b>4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MINHA PRÁTICA .....</b>	<b>33</b>
4.1 Iniciando o Meu Projeto .....	34
4.2 Resultados Envolvendo os Sujeitos e Aprendizagens Significativas de Minha Prática Pedagógica .....	37
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS A - Entrevista com professores .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS B - Entrevista com alunos .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS C - Fotos da Prática Docente .....</b>	<b>57</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Durante toda sua vida, o ser humano está sempre buscando aprimorar seus conhecimentos para que possa viver melhor. Dessa maneira, ocorreram descobertas importantíssimas ao longo da história da humanidade, que tanto auxiliaram o homem a obter melhores condições de vida, principalmente na área da comunicação e da memória, sendo que uma das mais importantes, se não a mais importante invenção humana neste campo, tenha sido a da escrita e, conseqüentemente, a da leitura.

Um dos momentos inesquecíveis da vida de qualquer criança é quando, pela primeira vez, ela junta uma letrinha, mais outra, e mais várias delas e começa a... ler! É uma conquista tão importante que será usufruída pelo resto de sua vida e abrirá, a cada dia, uma nova janela para o mundo. (SOUZA, Mauricio de. *Leitura: uma janela que se abre para o mundo*. <<http://www.blogeducacao.org.br/leitura-uma-janela-que-se-abre-para-o-mundo>>. Acesso em 03/07/2010.

Levando-se em consideração que o ato de ler se faz presente durante toda a vida do indivíduo, penso que se faz necessária uma parada reflexiva sobre esta prática de fundamental importância para o desenvolvimento do ser humano enquanto fonte geradora e que nos proporciona a construção de conhecimentos e aprendizagens.

A leitura sem dúvida é uma ferramenta fundamental para uma aprendizagem satisfatória e significativa, pois, por meio dela, abrem-se novos horizontes e se torna possível entender o mundo e aprofundar conhecimentos sobre o mesmo.

Ao ingressar na Faculdade de Educação e cursar a graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de um maior contato com o mundo dos livros e de retomar a leitura, em muitos momentos realizada somente por prazer. Passei a visitar mais bibliotecas e, com a proximidade de livros de vários gêneros, reacendeu meu interesse pela leitura.

Voltei então a ler livros que me chamavam a atenção, que despertavam a minha curiosidade que me auxiliavam a realizar os trabalhos, como leituras complementares que eram disponibilizadas nas diferentes interdisciplinas a cada novo semestre.

Então comecei a sentir novamente o gosto pela leitura, o prazer em buscar a construção de novos conhecimentos, com estímulo à leitura promovido pelas diversas e muitas vezes interessantes propostas de trabalho. Também meus amigos e colegas de trabalho muito contribuíram para minha retomada à leitura.

Acredito também que a grande proximidade com as práticas de leitura que o curso de Pedagogia me proporcionou, mesmo que em alguns momentos não tenham sido as mais prazerosas, foram muito relevante para minha formação como leitora. Hoje me considero leitora novamente, uma leitora que voltou a apreciar as histórias contadas nos livros. E a apreciar, como professora, o trabalho com os livros junto às crianças.

Atualmente, principalmente como professora de crianças pequenas, posso fazer o mesmo com meus alunos e sinto essa tarefa como um compromisso importante a realizar com eles. Acredito que meu papel é também estimulá-los a ler, demonstrar a importância da leitura, promover diversos momentos para a prática da mesma e, dessa forma, auxiliá-los a tecer sua própria relação com os livros.

Mais do que nunca se faz necessário encontrar maneiras de abrir espaço para esse tipo de atividade em sala de aula e não somente ficar presa à sala de leitura com o tempo reduzido e dissociada das outras disciplinas, pois é evidente que educação de qualidade se faz com leitura e leitores. Este estudo justifica-se pelo fato de muitos alunos demonstrarem desinteresse pela leitura e considerarem-na algo obrigatório e, muitas vezes, cansativo, bem como pelo fato de acreditar no valor e na importância que se revelam no ato de ler na formação do leitor.

O tema apresentado pretende levantar algumas contribuições sobre o incentivo à leitura na escola e colaborar para que a mesma aconteça de uma maneira prazerosa e não imposta; que possa elevar a auto-estima, mostrando que todos são capazes de desenvolver suas potencialidades. Esta reflexão está embasada nos conceitos construídos durante o Curso de Pedagogia. As atividades desenvolvidas me possibilitaram a ter um novo olhar sobre o tema em questão, pois, à medida que os semestres transcorriam, propiciavam-me novas reflexões e a construção de novas aprendizagens.

As questões que norteiam esse Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foram obtidas a partir de observações realizadas previamente. As mais intrigantes estavam relacionadas aos aspectos que influenciam o gosto de ler – como o método utilizado na escola para despertar nos alunos o gosto pela leitura –, à influência do

ambiente familiar, à preocupação com o desenvolvimento do espírito crítico e ao incentivo oferecido aos educandos com dificuldades na leitura e na escrita.

O presente trabalho abordará aspectos relativos ao gosto pela leitura e à maneira como estes podem estar ligados ao desenvolvimento integral da criança. O objetivo principal desta investigação é analisar as causas do desinteresse do aluno pela leitura, uma vez que, desde cedo, aprendemos a ler, a escrever e a compreender o mundo através da interação com os diferentes elementos do meio. Assim, podemos ressaltar que está também nas mãos dos professores a tarefa de conduzir os alunos ao mágico encontro com os livros. A leitura ajuda, sem dúvida, a sonhar, a viajar, a crescer e a compreender o mundo.

A partir do segundo capítulo, faremos uma abordagem sobre a formação do leitor e sobre a definição de leitura, já que esta vai além da decodificação de signos e de palavras e passa a ser abordada como leitura de mundo. Serão também analisadas as possibilidades de leitura e as habilidades que o educando deve adquirir na escola ou na família, determinadas também pela condição social do indivíduo.

No terceiro capítulo abordaremos a importância do ato de ler na sala de aula como um meio de formar, desde cedo, um leitor crítico e criativo, capaz de fazer considerações e de formular hipóteses a partir daquilo que lê. Lendo podemos construir significados e, quando o fazemos, maior se torna a rede de sentidos que podemos tecer. Será ressaltada, também, a importância de o professor utilizar a biblioteca escolar como espaço de “sedução” no ensino da leitura e, assim, analisarei as diferentes concepções que envolvem o tema como caminhos da aprendizagem.

No quarto capítulo farei a contextualização da minha prática pedagógica, contando alguns fatos significativos que ocorreram durante o projeto desenvolvido, assim como os resultados obtidos com os sujeitos envolvidos na realidade onde os realizei.

Assim, acredito que ler é dialogar com o escritor, com o contexto histórico, social e cultural do meio em que se está inserido. A interação significativa entre escritores e leitores certamente oferece o suporte necessário para a formação de sujeitos mais críticos e a construção de um mundo melhor.

## 2 A FORMAÇÃO DO LEITOR

Quando falamos em leitura, referimo-nos à leitura de jornais, de revistas, de livros entre outros. Da mesma maneira, relacionamos a leitura com a escrita e o leitor com a decodificação da letra. Em *Literatura: a formação do leitor*, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1998, p.9) afirmam que: “é através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois pode se comunicar com os outros homens e trocar experiências”. A leitura vai, no entanto, além da decodificação de signos. Significa também ler e identificar objetos e situações diárias. Para Freire (1991, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir a continuidade da leitura daquele”.

Dessa forma, a leitura é percebida também na dimensão de leitura do mundo, a começar pela leitura dos objetos e acontecimentos que nos cercam. Uma leitura dos costumes da nossa família, dos elementos que compõem nossa casa, por exemplo. O mesmo acontece com a leitura dos sons, das imagens. É o início da percepção e compreensão de futuras leituras que realizaremos. Assim sendo, a leitura é de suma importância, pois exerce esse papel fundamental de reconhecimento e de troca. É através dela que o ser humano reconhece o mundo, o outro e a si próprio.

Com isso, ela auxilia em todas as áreas do conhecimento, à medida que o leitor produz significados, amadurece e aprende, pois a leitura, desde seus primórdios, tem auxiliado o leitor na descoberta do mundo. Ao passo que a leitura foi se transformando e tornando-se mais acessível, ela tem contribuído ainda mais com o desenvolvimento do ser humano como um todo.

Maria Helena Martins (1982) afirma que a leitura é um aprendizado mais natural do que se costuma pensar:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranqüiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como

que se integram à nossa pele. O cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler. (MARTINS, 1982, p.11)

Para que essa aprendizagem e essa leitura aconteçam, deve-se levar em consideração o ambiente social em que o sujeito está inserido, observando as oportunidades e as possibilidades que lhes são oferecidas. A leitura começa a acontecer quando oportunizamos os conhecimentos adquiridos e, através da experiência, estabelecemos relações entre eles.

Segundo Abud,

as crianças provenientes de contextos familiares que lhe proporcionam oportunidades de acesso a livros, revistas, jornais, etc. e onde tem a sua disposição usuários sistemáticos de escrita para ler, têm maiores possibilidades de passar por uma evolução conceitual da escrita, muito antes de entrar na escola, em virtude das inúmeras ocasiões de aprendizagem informal que lhes são oferecidas (ABUD, 1987, p.25).

É relevante retratar que durante nossa caminhada surgem obstáculos que se contrapõem ao ato de ler. Tais obstáculos estão relacionados às condições sociais, econômicas e culturais, por vezes precárias, que paralisam ou diminuem o acesso à leitura do mundo e à leitura da palavra. Não me refiro a falta de condições físicas ou psíquicas, mas às condições de vida, ao nível social e pessoal que o sujeito possui. É possível que o sujeito tenha pressupostos para realizar a leitura compreensiva, mas, com pouco esclarecimento sobre o texto abordado torna-se difícil. Conforme Abramovich (2000, p.163), “a leitura é muito mais que um ato mecânico porque o leitor deve ser capaz de entender o que lê. Ainda nesse sentido, ler é criticar, pois quem lê reage à leitura, distinguindo o certo do errado”.

Segundo SILVA (1981, 31), “a atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas.” Começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita e continua no encontro com os livros-textos ao longo de toda a sua trajetória acadêmica. A própria escola concebe o livro como um instrumento básico, como um complemento primeiro às funções pedagógicas exercidas pelo professor. Seria difícil concebermos uma escola onde o

ato de ler não estivesse presente.

Ainda segundo o autor, o acesso aos bens culturais pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados, entre eles, o livro. Entendemos como experiência o conhecimento adquirido pelo indivíduo nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivências específicas, verificamos que a leitura (o instrumento necessário à compreensão do material escrito) também pode ser vista como uma fonte possível de conhecimentos.

Abramovich (2000, p.14), nos diz que “ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens”.

SILVA (1981, 43) afirma que ao experienciar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. O propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados fixados pelo discurso escrito. O compreender deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto assim como diante do conteúdo. Não basta decodificarmos as representações indicadas por sinais e signos; o leitor porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa,

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (PCNs, 1997, p.54).

Na situação de leitura, existe somente a presença de dois elementos: um leitor e um documento escrito, que veicula uma mensagem. A compreensão proporcionada pela leitura apresenta características bastante diferentes do “falar-ouvir”, o que vai colocar o encontro leitor-mensagem escrita dentro de uma categoria especial de comunicação. O único fato concreto que o leitor tem diante dos olhos é o documento impresso, buscando a compreensão manifestada pela leitura.

## 2.1 Contexto Literário e o Mundo Interior do Educando

A formação de um leitor crítico e criativo, através de leituras e produções textuais, inicia-se no ambiente familiar e complementa-se na escola.

Para desenvolver o hábito da leitura nas séries iniciais, faz-se necessário que sejam trabalhados vários tipos de textos, porém com ênfase na literatura infantil. Através dela o educando desenvolve de maneira cativante e prazerosa a relação de convivência com a leitura e a escrita.

O texto literário infantil é capaz de exercer fascínio no imaginário da criança. Seja por sua capa, suas ilustrações, por seus diferentes tamanhos, sua representação gráfica ou seu tipo de texto. Torna-se sedutor, sobretudo, quando explora idéias, explana experiências de vida e cruza o mundo real e imaginário.

Vera Teixeira de Aguiar, em *Era uma vez... na escola* afirma que:

A literatura infantil apresenta significados em vários níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança. Através da leitura, ela vê representados nos textos, simbolicamente, conflitos que enfrenta no dia-a-dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. (AGUIAR, 2001, p.18)

A autora vem reforçar a idéia de que a literatura infantil é extremamente significativa para o desenvolvimento da criança, principalmente o conto de fadas, porque dá a elas a certeza de que os problemas existem, mas que podem ser resolvidos. Desta forma podemos constatar que os contos contribuem para o crescimento dos jovens leitores, porque eles são capazes de auxiliar no processo de formação do leitor. Uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, pois auxilia a criança em uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua.

Também Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, afirma que os contos de fadas dão contribuições psicológicas muito positivas para o crescimento interno da criança, pois...

[...] oferecem soluções para os problemas existenciais, mas de acordo com o nível de compreensão infantil. Além de a criança aumentar os seus conhecimentos através desses textos, elas ainda podem transferir para os personagens os seus principais dramas. Estas estórias dirigem o pensamento da criança sobre o seu próprio desenvolvimento, sem nunca dizer o que deveria ser, permitindo à criança ter suas próprias conclusões, ou seja, este processo individual provê um amadurecimento dos sujeitos. (BETTELHEIM, 1995, p. 21)

O leitor infantil sempre encontra artifícios para elevar a criatividade, a capacidade de sonhar, de imaginar, de criar e de recriar suas idéias. Transformar e reformular suas hipóteses em relação ao texto e ao seu mundo interior. A criança começa a estabelecer relações com a leitura, fazendo previsões sobre a história. Muitas vezes, atribui um outro final possível para o enredo lido, identificando-se com os personagens e os acontecimentos.

Abramovich, (1991, p.12) afirma convincentemente: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ler e ouvir muitas histórias [...] Isso é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, onde a criança tem um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”.

O trabalho com literatura ajuda as crianças na busca de sua identidade, de seu lugar no mundo, proporcionando-lhe alguns questionamentos sobre as histórias lidas:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. As estórias também advertem que os muito temerosos e de mente medíocre, que não se arriscam a se encontrar, devem se estabelecer numa existência monótona – se um destino ainda pior não recair sobre eles. (BETTELHEIM, 1995, p.32)

A literatura infantil é extremamente significativa para o desenvolvimento da criança, principalmente o conto de fadas, porque dá a elas a certeza de que os



problemas existem, mas que podem ser resolvidos com sucesso. Dessa forma, pode-se constatar que os contos contribuem para o crescimento infantil porque eles de certa maneira auxiliam no processo de formação do jovem leitor.

Bettelheim também afirma que os contos de fadas dão contribuições psicológicas muito positivas para o crescimento interno da criança já que

oferecem soluções para os problemas existenciais, mas de acordo com o nível de compreensão infantil. Além de a criança aumentar os seus conhecimentos através desses textos, elas ainda podem transferir para os personagens os seus principais dramas. Estas estórias dirigem o pensamento da criança sobre o seu próprio desenvolvimento, sem nunca dizer o que deveria ser permitido à criança ter suas próprias conclusões, ou seja, este processo individual provê um amadurecimento dos sujeitos. (BETTELHEIM, 1995, p.27)

Os contos de fadas são histórias que têm em sua estrutura o elemento fantástico, algo que também contribui para o desenvolvimento da criança, porque as estimula a sonhar e a imaginar. A criança, para se desenvolver de maneira equilibrada, necessita do sonho, do imaginário; portanto, os contos de fadas são muito importantes. Segundo Bettelheim as histórias de fadas não pretendem descrever o real, como ele é, nem o aconselham a fazê-lo, porém eles ajudam as crianças a lidarem com seus conflitos reais, de maneira mágica, sem traumas.

O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz por que a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 1995, p.59)

De acordo com Bettelheim (1995), a estrutura da narrativa, o tipo de carência manifestada pelo personagem e o modo como é superado o conflito constituem-se de elementos que conferem uma representação aos contos. Afirma o autor que para melhor enfrentar os conflitos, é preciso desenvolver os recursos interiores, para que as emoções, imaginação e intelecto se ajudem mutuamente.

O ambiente escolar é, assim, um meio que precisa prender e cativar o leitor. Como mediador, o professor tem atuação fundamental no processamento da leitura,

na escolha dos livros, falas ou produções textuais a serem trabalhadas com os alunos.

É importante que os livros fiquem ao alcance das crianças e que nos períodos dedicados à leitura estejam presentes a descontração, o prazer e a liberdade, de modo a que elas criem laços afetivos com o livro. Este é o verdadeiro sentido pedagógico da leitura. Aquele que possibilita ao leitor, desde o início da sua caminhada, muito mais que a aquisição e o domínio da leitura e da escrita.

Segundo Ávila (2004, p.139), “o fundamental é que se conheça muito bem o texto ou o livro com que se vai trabalhar, que a escolha se dê tanto por um especial encantamento da professora pelo texto quanto um desejo das crianças em lê-lo”. Quando o professor conhece o texto ou o livro a ser trabalhado e explora bem seus encantos, esse se torna fonte de prazer e de informação. Desperta o riso, o choro, ou as mais variadas emoções. É capaz de fazer o leitor viajar, sonhar, imaginar, fantasiar.

Proporcionar a interação com o texto e permitir que a criança faça comparações entre a história que lê com a história da sua vida a partir das suas experiências é o início de uma relação de aprendizagens múltiplas, baseadas na interatividade como fonte de prazer e de conhecimento.

## **2.2 A Importância da Leitura na Sala de Aula**

Nós, professores, devemos iniciar desde cedo atividades que, realizadas já nas séries iniciais, ajudam a criança a desenvolver o gosto pela leitura. As propostas devem ser criativas, lúdicas e estimular a produção textual em sala de aula. Muitas crianças já vêm de casa com um bom prospecto em relação à leitura. Cabe ao professor aproveitar a bagagem que trouxeram para a escola e estimular os alunos a se tornarem leitores permanentes e não apenas ocasionais.

Segundo Freire (1994, p.8), “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Assim, para que as crianças gostem de ler, é preciso fazer algo concreto, ou seja, criar um ambiente significativo de leitura dentro da sala de aula.

Esse momento de leitura deve ser permanente e durar o tempo que for necessário, sobretudo pelo fato de que o acesso à leitura em nossa sociedade ainda é privilégio de alguns. Se, por um lado, pregamos o valor do livro e da leitura, por outro tentamos camuflar o fato de que muitos não possuem acesso aos livros.

Sabemos, no entanto, que crianças das Séries Iniciais se alfabetizam em um processo constante e que a formação de suas personalidades vai amadurecendo aos poucos. Para tanto, a leitura também deve ser aprimorada de acordo com o desenvolvimento escolar de cada uma.

Conforme Feill,

é importante lembrar que os primeiros contatos com a leitura são fundamentais para a formação de um bom leitor. Se a leitura for apresentada sob uma forma lúdica, agradável e significativa certamente se estará aí proporcionando o nascimento de um bom leitor, sendo esse um processo contínuo (FEILL, 1987, p.65).

Professores devem ter como objetivos o desenvolvimento de atividades que enriqueçam o conhecimento do mundo e de si mesmos, estimulando as crianças através da leitura e orientando-as com atividades simples que envolvam os livros que gostem de ler.

Na fase de leitor iniciante, a criança tem, nas histórias que lê, a fusão de dois mundos: o da fantasia e o do real, que estimulam o fenômeno do pensar, do sentir e do querer. Assim, a criança com o amplo contato da literatura na sala de aula amplia e busca o conhecimento de si e do mundo que a cerca.

De acordo com Ávila,

é possível substituir o desprazer pela leitura por um certo encantamento e um desejo crescente de ler, do mesmo modo que é possível substituírem-se as aulas de “mandar ler” por “ensinar a ler” – planejando e organizando situações que possam promover possíveis aprendizagens (ÁVILA, 2004, p.135).

Devemos, portanto, despertar em nossos alunos o desejo de ler ,aproveitando as suas leituras preferidas. Esta é uma maneira de incorporar a leitura através do prazer e não como uma obrigação. Leitura é preferência, é opção. Freire

afirma que:

A leitura não deve ser obrigatória, a leitura deve ser prazerosa, um bom livro lido com vontade é como vivenciar com os personagens suas emoções, sentir suas dores, suas alegrias, suas tristezas, ter seus anseios, seus desejos, seus temores, viver sonhos como se o leitor quando está lendo se sinta dentro da história com os personagens, mas sabemos que são poucos os leitores que lêem com prazer para assim se sentirem. (FREIRE, 1998, p.17)

A prática constante da leitura na sala de aula pressupõe, assim, o trabalho com uma diversidade de objetivos, modalidades e textos. Diferentes objetivos exigem certamente diferentes textos e, cada qual destes, exige, por sua vez, uma modalidade diferente de leitura.

Uma prática constante de leitura na sala de aula deve, assim, admitir várias leituras, pois uma das concepções que deve ser superada é a do mito da interpretação única. Devemos levar em conta o esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que este traz para o texto.

Os professores, ao incentivarem a leitura, motivam as crianças a lerem por prazer e desenvolvendo-lhes a capacidade de sonhar, viver a magia contida nos livros, proporcionando conseqüentemente o gosto pela leitura na busca da construção de novas aprendizagens.

### **2.3 O Gosto Pela Leitura: Desenvolvendo o Espírito Crítico**

Ler é um processo complexo. Na escola é possível explorar os diferentes tipos de textos que usamos no dia-a-dia, trabalhando todas estas leituras no ambiente escolar (poemas, textos, informativos, histórias infantis, gibis etc.). Esses textos devem buscar informações práticas e satisfazer curiosidades. Informar sobre o que acontece no mundo, divertir e ensinar, além de oportunizar aos leitores que eles se relacionem com outras pessoas e façam novos amigos. Qualquer leitura exige o domínio da língua, além de tempo e concentração. Mas ler é o único jeito de se comunicar de igual para igual. É nos escritos que desvendamos outras culturas, que hábitos e histórias diferentes se revelam para nós e que compreendemos de fato o sentido de nossos empreendimentos.

Segundo Abramovich,

ao ler, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir cutucada querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... Mas fazendo parte da rotina escolar, o importante é explorar diferentes tipos de textos formando assim leitores, porosos, inquietos e críticos (ABRAMOVICH, 1991, p.143).

Ler e ler por prazer é nosso desafio como professores. Existe coisa mais divertida do que ler para crianças? Magia, fantasia e imaginação são apenas alguns elementos presentes nesses momentos, muitas vezes inesquecíveis. Uma realidade, no entanto, nos inquieta. Por que as escolas formam tão poucos leitores e o gosto pelos livros ainda é uma raridade em nosso país? Talvez um dos motivos seja o fato de que muitos professores não sintam prazer na leitura. Como exigir das crianças algo que os próprios professores não experimentam?

Para que se dê o desejo de ler com prazer, as crianças precisam correlacionar, desde os primeiros contatos com a leitura, experiências que tenham significado para a sua vida. Para Craber & Castle (2001, P.151), “a criança não quer aprender a leitura como um instrumento mecânico. Ela deve ter um ‘desejo pessoal’ pelo que é lido. Ela deve chegar também à sua leitura com experiência pessoal para poder apreciá-la”.

A leitura faz parte da vida da criança desde os primeiros anos. Quando a mãe lê a primeira historinha e o pai lê o jornal, a revista ou até mesmo um livro na sua presença. Assim, o início do contato com a leitura se dá muito cedo. Por outro lado, há crianças que não vivem essa realidade. Cabe a escola, portanto, propiciá-la e ampliá-la. Como professora, percebo que os alunos não são iguais. Temos em nossas salas de aula diferenças sociais, econômicas e culturais. Alguns vivem cercados de livros, enquanto outros só os vêem na escola. Está aí o nosso grande desafio como professores: oferecer a todas as crianças, de forma igual, o acesso ao mundo mágico dos livros.

Na escola também construímos a relação com o mundo de maneira que, aos poucos, e de forma fascinante, consigamos contribuir com formas de ver, pensar e interagir com o mundo que faz parte do dia-a-dia de cada indivíduo.

Segundo Ferreira,

o sujeito que conhecemos através da Teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias indagações e que constrói suas categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo (FERREIRO, 1999, p.29).

A criança vem de casa com desejo de aprender mais. Chega cheia de vivências à sala de aula. Enquanto professores, devemos ficar atentos a isso. Não podemos ser meros transmissores de conteúdos, mas mediadores, questionadores de conhecimentos. Quando surgem dúvidas na criança, é a nossa oportunidade de mediar, contribuindo na construção de novos saberes. O professor precisa ter em mente que a criança chega curiosa à escola, sempre aberta a novas descobertas.

Os educadores, ao trabalhar com a leitura, têm que deixar de lado os treinamentos exaustivos de repetição, como simples decodificação de símbolos e leituras vazias. É necessário que desenvolvam, primeiramente, o desejo por aprender a ler, reconhecendo a importância da leitura como meio de comunicação com o mundo, além de garantir a aprendizagem por meios lúdicos e prazerosos. Para Cramer & Castle (2001, p.15), “deveria ser o objetivo dos professores transmitir a criança o amor pela leitura, um desejo pela leitura que permanecesse com ela durante os anos de sua vida. Se uma criança tiver esse sentimento, ela adquirirá a parte mecânica do ato de ler sem dificuldade”.

### 3 TRABALHANDO COM A LEITURA NA SALA DE AULA

A leitura foi incorporada à escola e, assim, imaginamos que todas as crianças passarão a gostar de ler. Até poderia ser verdade se essa leitura, viesse acompanhada do sentimento de prazer, descoberta e encantamento, ao invés de vir imposta com a noção do dever, de tarefa a ser cumprida a qualquer custo.

Há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona em que um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para o término da leitura e entrega de uma análise. Pecamos por não dar atenção às necessidades, vontades, ritmos e desejos de cada criança leitora.

Normalmente o livro é indicado por alguém e não escolhido pelo leitor. Como uma única e mesma história poderia ser do interesse de todos? Mesmo nas escolas mais democráticas, onde se dá o direito de escolher os livros e quais as referências para a escolha? Por que não ampliar os horizontes, indo às livrarias ou bibliotecas? Por que não deixarmos o aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever e escolher até decidir sobre qual livro quer ler?

Segundo Soares,

na verdade, nosso repertório de leituras e nossa capacidade de análise crítica, aliados ao conhecimento que temos de nossos alunos e de suas preferências, de seus interesses de análise crítica, e de seus gostos, embasarão nossas escolhas de leituras a serem trabalhadas em sala de aula. E estas escolhas, partilhadas, determinarão nossas práticas de letramento literário (SOARES, 2003, p.95).

Se formos bem sucedidos no início do processo de escolarização, se levarmos em conta que nossas crianças se encontram mergulhadas no mundo da escrita para muito além dos muros da escola, com certeza essas crianças se formarão adultos leitores. Muitas vezes adotamos autores medíocres, com histórias que não despertam o interesse e a curiosidade dos educandos. Por isso, mais uma vez cabe o questionamento: por que não adotar livros com temas por eles selecionados?

Ao ler uma história, a criança desenvolve todo um potencial crítico. Nós, professores, devemos saber se ela gostou. Se ela concorda ou não com aquilo que

leu. Segundo Carvalho & Mendonça (2006, p.129), “não se pode trabalhar com leituras que não foram previamente feitas. E, também, não se pode cobrar prazer e envolvimento com leituras que não nos provocaram e com as quais não estabelecemos nenhuma relação significativa”.

Se isto é verdade para nós, o que dirá para a criança. Pois é na fase inicial do processo de alfabetização e através dos sentidos e das sensações aprendidas que ela compreenderá o mundo ao seu redor, preparando-se como em uma brincadeira para a construção de significados e para a compreensão do real.

Toda leitura tem objetivos a serem considerados. Para alcançar maturidade na leitura, precisamos alargar nossas experiências com ela. Ao trabalhar com as crianças, o professor pode proporcionar-lhes o conhecimento da vida, dos sonhos, dos tipos de obras entre outros.

Lembra Abramovich:

há poetas que brincam com as palavras de um modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lida com toda ludicidade verbal, sonora, as vezes musical, as vezes engraçado no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pelas páginas quase como uma cantiga e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui.” (ABRAMOVICH, 1991, p. 67)

É interessante também propor às crianças a leitura de histórias no computador. Nos dias atuais o computador está se tornando cada vez mais nosso aliado: por que não aproveitarmos essa ferramenta? As crianças adoram. Existem programas em que o usuário pode interagir com o texto, tornando a leitura mais interessante. Assim, o professor pode variar os materiais e as atividades de leitura, criando a cada dia situações novas e atraentes, afirmando os usos sociais da escrita. Afirma Carvalho & Mendonça (2000, p.12) que “a leitura deve ser significativa e atraente desde as etapas iniciais de alfabetização, de modo a contribuir para formação de bons leitores”.

É de fundamental importância que o leitor se envolva no processo da leitura, adquirindo uma visão dos vários materiais existentes. Esses materiais poderão conter mensagens que fazem parte do dia-a-dia de todos nós. Desta forma, partimos do pressuposto de que o professor precisa proporcionar diferentes tipos de leitura,



visando despertar o interesse e a participação das crianças nas atividades. Portanto, consideramos que os professores devem oportunizar às crianças diferentes materiais de leitura, buscando o hábito e o prazer pela leitura.

### **3.1 Biblioteca: Espaço de Sedução**

Normalmente usamos uma biblioteca para satisfazer nosso prazer e nossos desejos de leitura. Ali buscamos informações sem que ninguém nos imponha o que fazer, o que ler ou escolher. Que prazer proporciona o andar entre os livros, ler os títulos em destaque, correr as mãos por um ou outro livro! Ou mesmo garimpar aquele que o colega indicou e que não foi encontrado na livraria. Como é bom folhear as páginas, ler um parágrafo, buscar informações nos índices, apreciar a beleza das ilustrações.

Esses são os gestos de um leitor competente, de um leitor que ali está por uma única razão: querer saciar seu desejo de ler! Como seria bom se nossos alunos pudessem também ter esses movimentos na sala, na escola, na vida.

Para que isso de fato ocorra, precisamos incluir a ida à biblioteca com os alunos em nossos planejamentos pedagógicos. A saída da sala de aula proporciona ao aluno a chance de novas descobertas.

Segundo Abramovich,

a ida à biblioteca está incluída nas opções de programação escolar e extracurricular da criança? E nas de lazer? Tão pouco e raramente [...] E uma biblioteca é um centro de descobertas, de silêncio repousante, provocação para olhar, mexer e encontrar algo novo [...] de possibilidades de sentar numa mesa e ficar por muito tempo virando páginas [...] E, sobretudo, possibilidades de encontrar toda espécie de livros que proporcionem encantamento, ludicidade, prazer, descobertas (ABRAMOVICH, 1991, p.162).

Há tantas maneiras de fazermos o aluno ler, de conviver de modo próximo com o mundo da literatura, sem achar que é algo do outro mundo, remoto e chato. É apenas uma questão de aproximá-los dos livros. Quando nos deparamos com uma criança que não gosta de ler, é preciso parar e refletir sobre os motivos que a fazem não gostar da leitura. Normalmente é porque não lhe proporcionaram o devido

contato com o mundo mágico da leitura. Para isso, vale sair do espaço da sala de aula. Esse será o primeiro passo para a mudança.

Pennac (1993, p.108) reforça essa idéia. Para o autor, “é preciso ler, é preciso ler. E se em vez de exigir a leitura o professor decidisse de repente levar os alunos ao mundo mágico dos livros, visitando uma biblioteca? Vamos partilhar com eles essa felicidade de ler?”.

Percebo que o melhor jeito de formarmos crianças leitoras é inicialmente deixá-las livres para investigar, para folhear e para escolher o que sentirem vontade de ler. Como professora, estimo meus alunos a frequentarem constantemente a biblioteca da escola. O simples fato de sairmos do espaço da sala de aula para fazermos algo diferente já é instigante. Muitas vezes, alunos que não participam na sala de aula sentem-se estimulados quando vão à biblioteca. Lá, muitas atividades podem ser feitas envolvendo a leitura e a escrita. É gratificante vê-los compenetrados, lendo, folheando ou simplesmente tocando um livro. A chance de visitarmos uma biblioteca com as crianças não deve nunca ser desperdiçada.

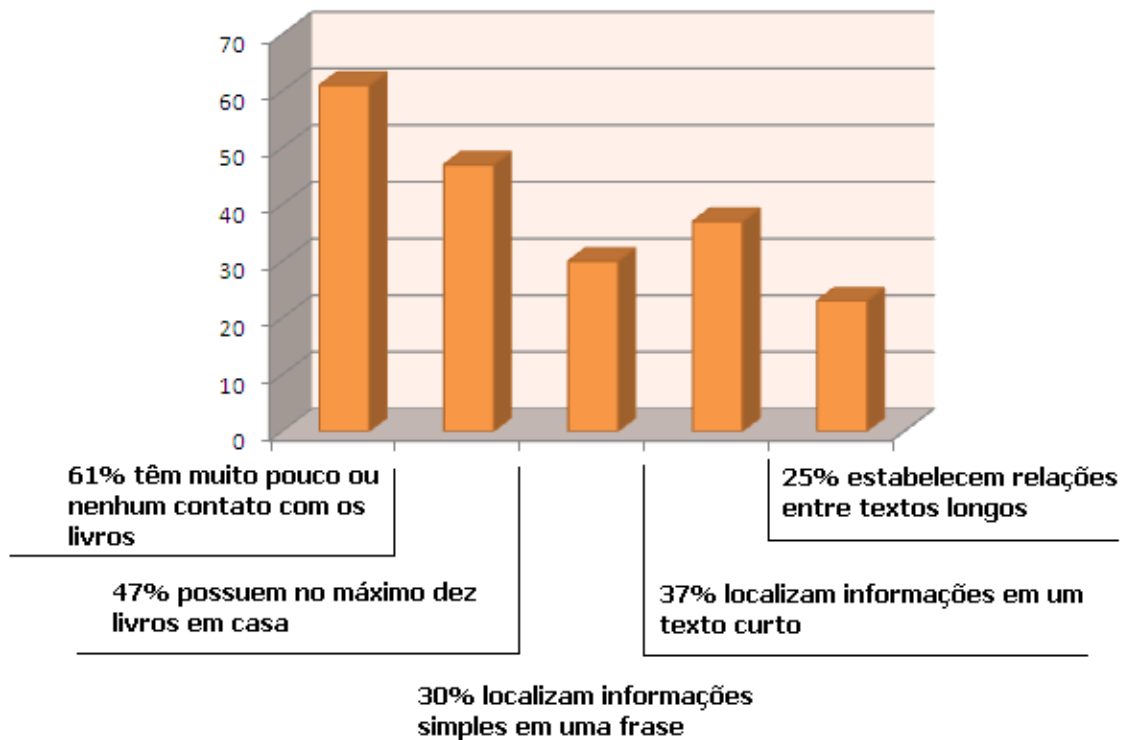
E, se temos poucos livros, por que não fazer uma campanha para arrecadá-los? Nunca é demais aumentar o acervo escolar. Por outro lado, é fato que nosso país é um dos lugares onde menos se lê. São poucos os brasileiros que conseguem ler um livro periodicamente. Muitos não têm tempo para essa tarefa relaxante, pois chegam tarde em casa e se mal conseguem conversar com a família, tanto menos tempo sobra para dedicar-se à leitura. Por outro lado, no Brasil, se a leitura vai mal, o mercado editorial parece que vai bem. Mesmo, porém, facilitando o acesso aos livros de literatura editados, colocando-os em bancas de revistas e barateando seu custo, ainda estamos longe de ser uma sociedade leitora.

### **3.2 Pesquisa - Comparativo da Leitura**

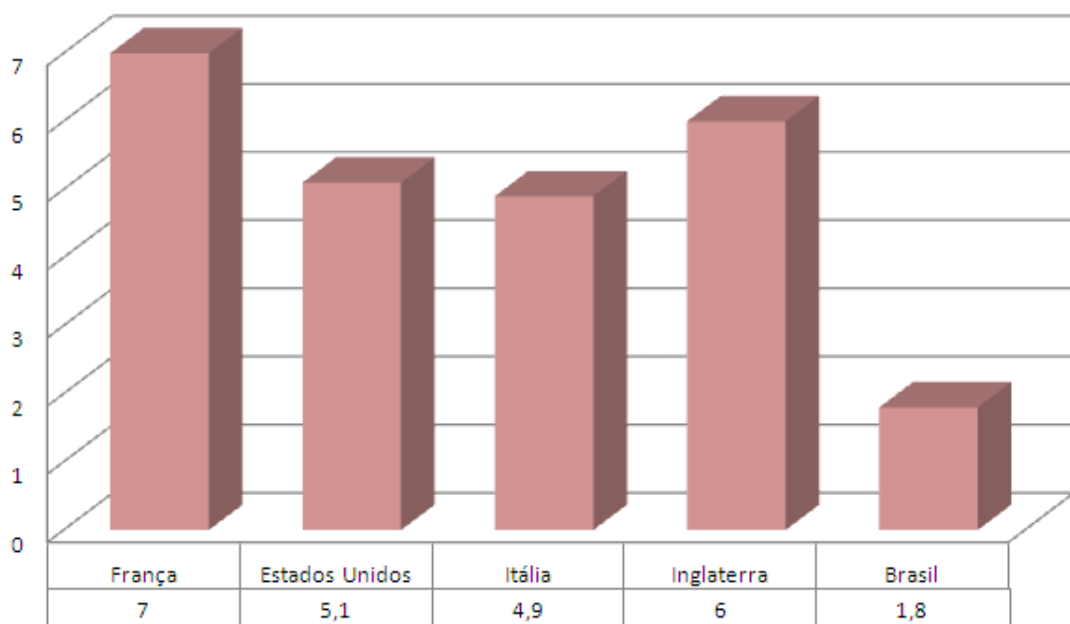
A leitura por ser muito importante na vida do ser humano, também é objeto de pesquisa. Podemos observar uma importante pesquisa divulgada na revista Nova Escola, que nos revela como anda a leitura em nosso país, fazendo também um comparativo com outros países. Mas uma vez fica evidente a necessidade de maiores investimentos, incentivos na educação que irá repercutir em uma melhoria nas práticas leitoras. Assim nosso país, poderá mostrar avanços e obter índices

melhores dos apresentados.

Dados retirados da Revista Nova Escola (agosto/2009, p.30) mostram alguns percentuais interessantes demonstrados nas figuras abaixo:



Brasileiros de 15 a 64 anos. Fonte: Revista Nova Escola (agosto/2009, p.30)



Número de livros lidos por ano  
Revista Nova Escola (agosto/2009, p.30)

Um grande número de brasileiros não tem oportunidade de frequentar uma biblioteca, geralmente por inúmeros motivos. A escola, no entanto, que permite essa oportunidade não pode deixar de aproveitá-la. É preciso, sem dúvida, valorizar mais esse espaço, pois as crianças de hoje poderão ser os leitores assíduos de amanhã.

### **3.3 Concepções da Leitura e da Escrita**

A criança que está em processo de construção da leitura e escrita sente-se encantada, tomada por uma magia inexplicável, fica curiosa, busca cada vez mais, sente-se um verdadeiro descobridor de um tesouro muito valioso, é a fase mais linda da construção da aprendizagem. O aluno vem para escola com sede de aprender. Quando a criança chega à escola, esta precisa dar o que ela veio buscar, aproveitando para propor e para desenvolver trabalhos de uma maneira prazerosa.

Conhecendo as crianças no seu dia-a-dia, saberemos o que elas lêem e conheceremos suas concepções de leitura e escrita. A leitura e a escrita possuem múltiplos significados e valores na nossa cultura. Ambas caminham juntas.

Ler pode significar desde atribuir sentido, numa concepção mais ampla, até ser uma simples decodificação. Podemos falar da leitura de mundo, de imagens, de símbolos, de palavras, de livros, etc. Podemos ainda relacionar a leitura com o ensino formal, com os livros lidos e também com a leitura da natureza que nos cerca.

O mesmo acontece com a escrita. Mas, escrevemos o mundo deixando registros que podem ser diferentes produtos culturais ou escrevemos apenas com as letras? São diferentes concepções que supõem, para cada grupo, uma valorização distinta de como o sujeito se coloca sendo um leitor e escritor do e no mundo.

Para Freire (1992, p.11),

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1992, p.11)

Com essas informações, o professor deverá desenvolver atividades em sala de aula que mostrem que a leitura e a escrita têm muitos significados e funções. Que possibilitem novas descobertas, que ampliem a possibilidade de pensar e de registrar o mundo. Assim, no dia-a-dia de aula, o professor deve procurar se informar sobre o tempo que as crianças são leitoras, com quem aprenderam e se gostam de ler. Dessa forma será mais fácil o planejamento das estratégias quanto à leitura e escrita a serem adotadas.

Segundo Jolibert (1994, p.106),

é possível realizar ao mesmo tempo o aprendizado da leitura e a produção textual, pois são atividades diferentes, mas complementares; apóiam-se reciprocamente e através desse encontro de dupla face é que se constrói o sentido da escrita das crianças. (JOLIBERT, 1994, p.106)

A leitura e a escrita andam, portanto, paralelamente. Enquanto professores, cabe-nos conhecer o que nossos alunos lêem e incentivar suas produções textuais. Montar projetos de leitura com textos, propor rodas de leitura na escola para partilharem com os demais as suas produções da classe são alternativas que podem render bons resultados. É importante, nesse sentido, que o professor garanta também um espaço descompromissado para a leitura e a escrita. Sem o peso do dever, da obrigatoriedade e da nota.

Segundo Carvalho & Mendonça (2006, p.70),

a relação entre a escola, a leitura e a vida pode ser muito significativa se não distanciarmos os elos dessa cadeia. A melhor coisa que fazemos por nossos alunos é criar espaços na sala de aula para conversas, para manuseio e leitura de materiais escritos variados e situações em que escrevam atendendo a múltiplas propostas, para que possam se tornar íntimos de diversos tipos de textos que, na sociedade letrada, cumprem funções específicas e diferenciadas. (CARVALHO, 2006, p.70)

A escola, sendo um local onde circula a diversidade de culturas ,precisa valorizar em seu contexto as várias práticas sociais da leitura e da escrita. Vivemos em uma sociedade letrada e tecnológica. A realidade cria, a todo momento, desafios que exigem uma visão mais crítica e ampliada sobre os recursos que estão a nossa volta. Nessas relações que agora se estabelecem, é significativo o papel das

linguagens.

### **3.4 Leitura: Caminho para a Aprendizagem**

É importante considerar que a leitura permite aprender. Ao entrar em contato com diversos tipos de textos, com conteúdos variados, oportuniza-se que, ao final de cada leitura, possa ser ampliada a bagagem de conhecimentos. Trata-se, sem dúvida, de um meio de tornar os sujeitos mais capazes de interpretar e de se comunicar com o mundo letrado do qual fazem parte.

Mas, para tanto, é necessário oportunizar o contato com a leitura desde cedo, antes mesmo do ingresso na vida escolar. Segundo Kaufman & Rodriguez (1999, p.44), isso significa certamente que “ter contato com essa diversidade de textos, é obviamente, uma via efetiva para melhorar a competência comunicativa das crianças”.

Tanto na escola como fora dela, as crianças têm a oportunidade de vivenciar diversas situações relevantes e significativas de contato com a língua escrita que ampliam as possibilidades de ler bem. Kaufman & Rodriguez afirmam que

outras situações de uso da língua escrita poderiam ser exploradas. Isso implicaria a presença do texto informativo (relatos de pesquisa, jornal, manuais, receitas, bulas, etc.), isto é, através de uma impregnação lingüística e através de um contato efetivo do aluno com diferentes formas discursivas (KAUFMAN; RODRIGUEZ, 1995, p.15).

Dessa maneira, não podemos afastar a aprendizagem da leitura. Há de garantirmos, no entanto, a ampla oportunidade de contato com o mundo literário. Os autores afirmam, por outro lado, que

os leitores não se formam com leituras escolares de materiais escritos elaborados expressamente para a escola com a finalidade de cumprir exigências de um programa. Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contêm uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-escolares, para a multiplicidade de propósitos (KAUFMAN & RODRIGUEZ, 1995, p.44).

Assim, os professores também precisam aprender a melhor selecionar seus textos. Aprender a utilizá-los tendo consciência de que para tal propósito eles próprios precisam ler e escrever muito. E ter pleno conhecimento sobre o que está sendo estudado, de maneira que possam ampliar as trocas de idéias sobre o que tem maior relevância nos novos conhecimentos construídos.

Em muitas situações é a escola o principal e único ambiente em que a criança tem a oportunidade de ter contato com a leitura de maneira formal e concreta. É de sua competência, portanto, realizar um trabalho coerente e significativo, desenvolvendo nas crianças o hábito de ler como um meio de adquirir novos conhecimentos, de crescer e de tornar-se indivíduos criticamente pensantes.

O que percebemos na prática de alguns ambientes escolares, no entanto, está longe dessa realidade. Segundo Ferreiro e Teberosky,

na sua proposição tradicional, a escola ignora a progressão natural da criança à escrita, propõe um ingresso imediato ao código escrito, acreditando facilitar a tarefa se desvendam, de saída, todos os mistérios. Porém, ao fazê-lo, ocorre que contribui para criar mistérios: as crianças não compreendem que esses ruídos que se fazem diante das letras têm algo a ver com a linguagem; não entendem que essas “frases para destravar a língua”, as quais passam por orações, tenham algo a ver com o que elas sabem sobre a linguagem (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.290).

Quando a criança chega à escola, ela não compreende a língua escrita. Por outro lado, o que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com o que a criança consegue aprender. Nas tentativas de ensinar o professor procede, passo a passo, do “simples ao complexo”, segundo uma definição própria que sempre é imposta por ele. Acredito que partimos do pressuposto de que todas as crianças estão preparadas para aprender o código, com a condição de que o professor possa ajudá-las no processo.

A ajuda consiste basicamente em transmitir-lhes o equivalente sonoro das letras e exercitá-las na realização gráfica da cópia. O que a criança aprende é em função do modo pelo qual vai se apropriando desse conhecimento, sendo que algumas têm mais facilidade que outras. Ferreiro (1999, p.291) destaca, no entanto, alguns pontos que me parecem importantes apresentar neste trabalho: a escola se dirige a quem já sabe, admitindo, de maneira implícita, que o método é para aqueles que já percorreram sozinhos o caminho a aprendizagem. Nenhum sujeito parte de

zero ao ingressar à escola, nem sequer as crianças de classe baixa, os desfavorecidos de sempre. O sujeito a que a escola se dirige é um sujeito passivo, que não sabe, a quem é necessário ensinar e não um sujeito ativo, que não define aquilo que quer aprender.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura e de escrita indica que não se deve ensinar a ler e a escrever por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos propostas que lhes possibilitem as mais variadas maneiras de interagir na construção e desenvolvimento das suas potencialidades.

Do ato de ensinar, o processo passa para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educando, que passa a ser visto como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é "ensinado". O aluno participa de maneira direta da construção do seu conhecimento, onde o professor precisa organizar trabalhos que favoreçam a reflexão da criança porque é pensando, que ela aprende.

### **3.5 Leitura: Ensinamentos na Escola**

A escola, sem dúvida, é um espaço de extrema importância para o desenvolvimento do futuro leitor. É preciso, cada vez mais, que ofereçamos a oportunidade do contato das crianças, em seu ambiente escolar, com a leitura significativa para a sua vida. Isso porque sabemos que só aprendemos aquilo que nos parece importante e relevante, através da distinção das informações e dos novos conhecimentos.

Para Kleiman (1997, p.54), "o leitor leva em conta na leitura o que ele sabe, o conhecimento acumulado ao longo de sua vida, o qual é altamente relevante para a compreensão do que está sendo lido. Portanto, tal conhecimento não deve ser deixado de lado, mas ativado".

A leitura na escola, muitas vezes, tem sido um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno. O objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, assim como as diferentes leituras possíveis de se fazer, pois a linguagem tem poder sobre o outro, não só através do



que se fala, ou se escreve, mas também como através de olhares, entonação da voz, gestos entre outros. Por isso, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola.

Na escola, a partir do contato com diversos materiais escritos, como livros, cartazes, revistas, jornais, rótulos, propagandas de encartes, por exemplo, a criança vai aos poucos se interessando por essas formas de comunicação. Vai despertando dia-a-dia a curiosidade e o interesse por compreender e fazer parte do mundo letrado.

Assim podemos considerar as inúmeras formas de se utilizar a atividade de leitura no período escolar. Desde as séries iniciais e mesmo na educação infantil a leitura deve fazer parte do cotidiano das crianças. O contato com os livros deve-se fazer presente, portanto, desde o ingresso da criança na instituição escolar.

Como professora, percebo que incentivar os alunos no aprendizado da leitura é fundamental. Nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental não basta codificar, é necessária a formação de um leitor autônomo, capaz de escolher a informação que lhe ampliará seus horizontes. A professora é “lição de leitura” quando desenvolve estratégias apropriadas. E como leitora, um exemplo a ser seguido.

A seguir apresento o resultado de minha prática pedagógica, envolvendo meu objetivo de estudo, que é a leitura. Busco compreender por que os alunos, no avanço da escolarização, apresentam dificuldades de compreensão, desinteresse e falta de motivação pela leitura.

#### **4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MINHA PRÁTICA**

Realizei minha Prática Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zaira Hauschild, localizada na Avenida São Borja, na cidade de São Leopoldo. A comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Zaira Hauschild é heterogênea. A escola está localizada em uma zona industrial e atende alunos de um bairro próximo e de outros três bairros mais distantes. A Prefeitura proporciona aos alunos ônibus escolar, proporcionando transporte gratuito.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Zaira Hauschild funciona nos três turnos, no diurno com o Ensino Fundamental e a noite com a Educação de Jovens e Adultos - EJA. A comunidade escolar compõe-se de 950 alunos, 53 professores e 14 funcionários. A comunidade atendida é constituída por alunos oriundos de bairros de periferia do município de São Leopoldo, pertencentes à classe baixa, com familiares com níveis baixos de escolaridade.

A comunidade escolar se caracteriza pela falta de participação nas atividades proporcionadas pela escola. Os pais dos alunos não demonstram interesse em participar de reuniões com os professores, palestras, e nem mesmo em buscar o boletim, para ficar a par do desenvolvimento escolar de seu filho. A maioria dos pais, quando termina o ano letivo desconhece quem seja a professora de seu filho, sendo pouquíssimas, as famílias que participam e acompanham de perto a vida escolar do filho.

Pensando nisso, a direção da escola junto com seu corpo docente, procura proporcionar vários momentos para a participação da família, ao longo do ano, com o objetivo de promover a integração entre professores, alunos e pais, e melhorar cada vez mais o desempenho e crescimento do educando, porém, apesar dos esforços, ainda não obtivemos o êxito esperado.

São desenvolvidas diversas atividades em seu espaço de aprendizagem, tais como: laboratório da informática, biblioteca, está sendo implantado o Programa Mais Educação, quadra poliesportiva onde são realizadas diversas atividades e pátio com amplo espaço para correr, brincar e praticar esportes.

A turma em que realizei meu estágio é uma turma de terceiro ano, identificada como 3A3. A turma conta com 20 alunos, na faixa etária dos sete aos quatorze anos, sendo treze meninos e sete meninas. Neste terceiro ano a turma tem

três alunos repetentes desta mesma série e dois multi repetentes, um desses alunos é portador de Síndrome de Down, que está no início de seu processo de alfabetização. A turma apresenta de modo geral um bom relacionamento, demonstrando coleguismo e amizade, sendo inclusive muito afetivos com a professora.

Sou a professora titular da turma e realizo o planejamento semanal, porém sabendo que o mesmo é flexível, algumas mudanças são realizadas de acordo com o desenvolvimento dos trabalhos pelo grupo. Os princípios orientadores estão baseados principalmente no Plano de Trabalho da Série. Também através do diálogo e troca de idéias com as colegas das turmas paralelas. Procuro seguir a linha construtivista-interacionista, fundamentada em autores como Jean Piaget e Vygotsky. Na proposta Pedagógica, o professor deve trabalhar o conhecimento com significado para o aluno. Nortear o processo educativo pelos ideais da escola humanista moderna e dialética, promovendo estímulos e desafios.

A interação entre os alunos e a professora é muito boa, eles também mantêm no grupo coleguismo e amizade. A sala de aula apresenta um espaço adequado, o que permite a organização do grupo de diferentes formas, auxiliando na integração dos mesmos. Esta organização dos alunos, pode ser feita em grupo, duplas, círculo e em forma de U, conforme as combinações realizadas com a turma.

Através da observação, pude notar que os alunos, em sua maioria, valorizam e gostam do ambiente escolar. São curiosos, participativos, realizando as tarefas propostas com receptividade e entusiasmo. Porém, também pude observar que alguns alunos demonstram muita lentidão e insegurança na realização dos seus trabalhos, contudo para contrabalançar esta situação ocorre uma interação muito boa entre o grupo na construção dos seus conhecimentos.

#### **4.1 Iniciando o Meu Projeto**

Após as observações, realizadas na minha turma de terceiro ano, em preparação para o estágio docente, no primeiro semestre do corrente ano letivo, juntei todo o material e passei a analisar os aspectos que mais me chamaram à atenção. Um deles foi o fato das crianças não gostarem de ler. Percebi nelas uma grande falta de motivação nesse sentido.

Na escola é grande a queixa dos professores em relação à leitura, porém, a que parece, não percebem o que está acontecendo. Nesse sentido, cabem algumas reflexões. Porque os alunos não se interessam pela leitura? Será que os professores não estão bem preparados ? Afinal, o que fazer?

A partir disso, passei a me questionar: o que pode favorecer o processo de leitura prazerosa nas crianças das Séries Iniciais?

De acordo com Morais

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para a nossa emoção, para a nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar. (MORAIS, 1996, P. 12 )

Junto com esse questionamento novas dúvidas surgiram: por que os alunos só lêem quando solicitados? Por que não compreendem e nunca sabem o que fazer? Qual é o papel da escola, do professor e da família?

A partir de então, fui em busca de diversas leituras a fim de responder meus questionamentos sobre a importância da leitura nas Séries Iniciais. Penso que, enquanto professora, esta busca de respostas a meus questionamentos também é uma das minhas atribuições.

Lajolo (1997, p.12) ressalta que “os alunos por não terem hábito ou gosto pela leitura, infelizmente a maioria só lêem se obrigados. Outros ainda não lêem, nem obrigados”. Essa constatação deixa clara a necessidade urgente da reformulação dos planos de aula, no sentido de trazer novidades e motivação para a leitura.

Para Bagno (1998, p.14), “ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimentos que estão a sua disposição na sociedade”. Cabe a nós professores, nesse sentido, ensinar nossos alunos desde cedo a adquirirem o hábito de ler, fazendo uso dos diversos elementos disponíveis em nosso contexto sócio-cultural.

Percebo que a partir da leitura as crianças e os professores se conhecem, mostram seus conhecimentos, enfim, interagem dinamicamente. Nesse processo de interação as crianças conhecem universos discursivos diferentes, discutem, divergem e trocam conhecimentos entre si, ampliando suas informações sobre o

mundo.

Durante o projeto do estágio, desenvolvemos muitas leituras e produções textuais, além de leituras individuais para estimular preferências e formar leitores autônomos. Sempre que possível, envolvemos música e pintura como fontes estimuladoras nas atividades programadas.

Segundo Foucambert (1994, p.99), “para aprender a ler, o não-leitor deve se relacionar com os textos que leria se soubesse ler, para viver o que vive. O ambiente deve comportar-se com o não-leitor como se ele já possuísse os saberes que deve adquirir”. Vejo, nesse sentido, que o professor deve ter em seus objetivos o desenvolvimento de atividades que enriqueçam o conhecimento do mundo e de si mesmos, estimulando seus alunos através da leitura, com o gosto pela novidade e o desejo do conhecimento, orientando-os com atividades simples que eles conheçam e que gostem de ler, por exemplo.

Segundo Ferreiro e Teberosky, o que vem ocorrendo, no entanto, é o contrário. As autoras enfatizam que

a leitura e a escrita se ensinam como algo estranho à criança, de forma mecânica, em lugar de pensar que se constitui num objeto de seu interesse, do qual se aproxima de forma inteligente. Às crianças se ensina traçar letras e fazer palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. A mecânica de ler o que está escrito está tão enfatizada que afoga a linguagem escrita como tal (FERRERO; TEBEROSKY, 1999, p.23).

É necessário levarmos a criança a uma compreensão interna da escrita e conseguirmos que esta se organize mais como um desenvolvimento do que como uma aprendizagem. Se a concepção da escrita inibe a verdadeira linguagem gráfica, a concepção da leitura como decifrado não somente inibe-a como cria outros problemas. A escola precisa proporcionar momentos para desenvolver o gosto pela leitura e não ordenar a ler.

Atividades que envolvem leitura e a escrita se constituem como uma consequência do trabalho de ampliação do conhecimento do mundo. Isto é, a leitura e a escrita tornam-se necessárias em função do desejo de ter acesso a outros bens sociais, de usar outra modalidade de linguagem para interagir com o mundo.

É preciso, nesse sentido, permitir durante um bom tempo também a escrita não convencional, com o objetivo de que as crianças se apropriem de

conhecimentos sobre a produção de textos. O contato frequente com diferentes materiais escritos, juntamente com a mediação e a intervenção do professor, oferece maiores chances de levá-las a se tornarem de fato leitores e escritores competentes.

#### **4.2 Resultados Envolvendo os Sujeitos e Aprendizagens Significativas de Minha Prática Pedagógica**

Um importante objetivo na prática pedagógica foi resgatar o gosto pela leitura em meus alunos. Para conseguir colocar em prática este meu objetivo, resolvi, portanto, assumir o compromisso de desenvolver o gosto pela leitura, ao invés de mandá-los ler.

Acredito que é preciso que se dê o texto ao leitor para que ele o sinta, ame, odeie, acate ou rejeite, enfim, viva-o. Nesse sentido, procurei motivar constantemente meus alunos a lerem e a viverem a leitura. Com uma motivação prévia, passando pela leitura e pela discussão oral, conseguimos bons resultados na turma, inclusive na produção textual.

Assim, podemos refletir sobre o que nos diz Isabel Solé (1998, p.43): não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que ele seja capaz de explorar.

Alunos que leem escrevem melhor. Percebi a melhora de um grande grupo de crianças que, antes do projeto, não demonstravam o menor prazer pela leitura. Acabamos produzindo nossos próprios livrinhos, através do que, notei a alegria da turma em folhear suas produções. O que foi produzido com criatividade e imaginação terminou por mostrar-se tão valioso quanto os livrinhos prontos que eles estavam acostumados a ler. Foram também realizadas durante o projeto algumas entrevistas com professores e alunos. Ficou claro novamente aquilo que eu já havia observado desde o início de minhas observações de prática, ou seja, uma enorme falta de motivação dos alunos e de suas famílias pela leitura.

Observei também, a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras, que estimulem os alunos, despertando o gosto e o prazer de ler. Coloco, nos anexos, uma amostragem das entrevistas realizadas, com os professores e alunos.

Após analisar as entrevistas, continuo, por outro lado, levantando novos

questionamentos sobre os fatores que influenciam na falta de interesse demonstrada pelas crianças. Mas é evidente que esse desprazer por ler é muito provavelmente ocasionado pela família ou pelo despreparo do professor em trabalhar adequadamente a leitura.

O ler, no entanto, é muito importante no nosso dia-a-dia. Segundo Cagliari (1998, p.66), “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, pois muito do que se deve aprender na vida será através da leitura. Uma vez que a maioria das pessoas aprende a ler na escola, a leitura é a grande herança que temos da nossa vida escolar”.

A escola, portanto, é a chave-mestra no processo de construção da linguagem escrita e de sua leitura, pois é ali que vivenciamos essa interação mais concretamente. Assim, conforme Abud,

o professor é o grande estimulador da leitura usando todo material ao seu alcance para atingir seu propósito, resultando também a necessidade da atenção dos alunos diante dos textos escritos, o seu esforço e interesse, como fatores importantes, que levam a conquista dos atos de ler e escrever (ABUD, 1987, p.45).

Por outro lado, observamos a falta de motivação em estimular os alunos a ler, percebida nos professores, que responderam a entrevista realizada por mim durante a pesquisa para a realização deste trabalho. Podemos perceber pelas respostas dadas pelos professores que a leitura está ligada ao som e a grafia das palavras, ao treino ortográfico, a caligrafia, dissociando assim, a leitura de um ato de prazer, de um trabalho diferenciado que estimule os educando a conhecer novos mundos através da leitura, e vinculando-a a uma obrigação gráfica, onde o que importa é a cobrança de atividades relacionadas a mesma. Mesmo quando os professores levam seus alunos à biblioteca a atividade parece estar ligada a uma obrigação e não percebemos pelas respostas dadas que esta seja uma tarefa preparada com antecedência e prazerosa. Esta falta de motivação para a leitura tem uma explicação segundo Jolibert (1994, p.49), “o professor, marcado por anos vividos numa ordem determinada, isto é, complexos ao longo dos anos, fica alienado, não se atualiza com novas metodologias de leitura”. Fica evidente, nesse sentido, a necessidade do professor em se atualizar e colocar em prática novas

práticas pedagógicas.

Verificamos também na pesquisa, através da fala dos alunos, está relacionada a falta de apoio e estímulo aos filhos no desenvolvimento do hábito de leitura, isto fica claro quando o aluno nos diz, que seus pais não tem este hábito desenvolvido, ou ainda, quando outra criança responde: “minha mãe chega cansada do trabalho e vai dormir”. Assim podemos perceber que a falta de motivação pela leitura encontra-se na família, que joga os filhos na escola sem se preocupar com seu desempenho. A grande maioria dos pais não tem tempo para dialogar com a escola sobre as questões problemáticas da aprendizagem dos filhos. Acabam fugindo da responsabilidade e deixando a cargo da escola achar as soluções pertinentes.

De acordo com Jolibert (1994, p.127), “a maioria dos pais mostra-se angustiada diante das perspectivas do futuro escolar de seus filhos. Ficam embaraçados e perplexos quando chamados à escola para saberem dos problemas dos filhos. Afinal, para que serve a escola?”. Assim, para muitas famílias cabe à escola identificar e solucionar as questões conflitantes, entre as quais a pouca leitura e a falta de incentivo no cotidiano.

É fato, no entanto, que professores e pais, juntos deveriam estabelecer um diálogo contínuo que conduzisse à criação de alternativas desafiadoras e estimuladoras ao gosto pela leitura e escrita nos jovens em formação.

Durante a execução do projeto percebi que as crianças da escola estão começando a se sentirem mais estimuladas, a fazerem da leitura uma companheira em suas vidas, ajudando-as a crescer como pessoas e também a encontrar respostas para suas dúvidas. A troca de informações entre si durante algumas atividades que realizamos vem mostrando bons resultados.

Outro fator positivo é a oportunidade que tiveram de levar livros para casa, de modo a oportunizar também aos familiares o contato com a escrita. As crianças comentaram que levar o livro para casa também é gratificante. Essa avaliação vem evidenciando o aumento do interesse, do entrosamento e da participação espontânea dos alunos em relação à temática sobre “o prazer de ler na sala de aula”.

A realização do projeto em comunhão com a pesquisa realizada com alunos e professores vem revelando, portanto, algo muito importante na minha prática de ensino, ou seja, que a leitura deve estar associada ao prazer da descoberta de



novas possibilidades, de novos mundos e não relacionada com atividades realizadas por obrigação. Que a leitura deve ser desenvolvida através de um planejamento muito bem elaborado que busque motivar a curiosidade do educando para a leitura e releitura do mundo. Se conseguirmos fazer com que a criança tenha uma experiência positiva com a linguagem, estaremos, sobretudo, promovendo seu desenvolvimento como ser humano.

Um dos maiores desafios no início do projeto foi a dificuldade de adquirir uma quantidade de livros suficientes para que todos pudessem ler. Percebi que alguns alunos tinham “ciúmes” dos seus livros. Resolvi, então, trazer meus próprios livros para as crianças. Elas se espantaram ao ver os livros grandes, bem ilustrados e mais ainda com a possibilidade de poder levá-los para casa. Assim, a partir da minha atitude, passaram também a emprestar mais seus livros aos colegas.

Ao ouvirem ou lerem um conto, as crianças, sem saberem, estão construindo a leitura do mundo que as cerca. Isso as ajuda a trilhar seus próprios caminhos, pois em cada uma dessas histórias existe uma lição de vida.

Sobre isso nos fala Bettelheim

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1995, p.20)

Dessa maneira, basta nós, professores, sabermos explorar com nossos alunos as diferentes mensagens, proporcionando atividades diversificadas com o objetivo de motivá-los a lerem também por prazer.

Para minha satisfação, as crianças se envolveram e se comprometeram com o projeto. Foi, portanto, uma experiência muito gratificante para a minha trajetória no plano da educação. Aos poucos, estou conseguindo atingir meu objetivo inicial que era desenvolver o gosto pela leitura. Apesar de muitos dos alunos, durante a pesquisa, dizer que seus pais não tinham o hábito da leitura, consegui através de um planejamento bem elaborado, e através de empréstimo de livros, fazer com que os alunos não só desenvolvessem o gosto pela leitura, mas também que levassem este gosto para casa, contagiando seus pais. Pude perceber isto pelo relato das

crianças que me contaram como leram com seus pais e irmãos.

Promover o encontro das crianças com o texto literário desde o início do processo de alfabetização constitui, sem dúvida, um grande desafio tanto para quem o propõe quanto para quem se dispõe a encarar essa missão. O professor é, certamente, o grande protagonista nesse processo, uma vez que precisa fazer uso de ferramentas diversificadas para aproximar as crianças da leitura literária sem tornar tediosa a tarefa didática.

Tornar o hábito da leitura uma prática prazerosa no dia-a-dia da criança é uma tarefa que desafia. Estimular a capacidade de aprender a analisar criticamente os textos no início do processo de escolarização deve partir da possibilidade de uma leitura que favoreça também a construção de sentidos e abranja diversas linguagens – corporal, plástica, de imagens, musical. No início do processo de letramento a criança constrói com o livro uma relação semelhante a que tem com o brinquedo. Nossa sensibilidade crítica precisa preservar essa relação lúdica.

De acordo com Abramovich

Me parece que a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram aquele conto [...] Literatura é arte, literatura é prazer [...] Que a escola encampe esse lado. É apreciar, e isso inclui criticar [...] Se ler for mais uma lição de casa, a gente bem sabe no que é que dá [...] Cobranças nunca foi passaporte ou aval pra vontade, descoberta ou para o crescimento de ninguém... (ABRAMOVICH, 2004, p.148)

Acredito que se formos bem sucedidas no início do processo de escolarização, e se levarmos em conta que nossos alunos se encontram mergulhados no mundo da escrita para muito além dos muros da escola, essas práticas transcenderão a dimensão escolar e se enraizarão no universo infantil. Para Soares,

letramento é também um contínuo multidimensional, ilimitado, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos, em que, conseqüentemente, são múltiplas e muito variadas as habilidades, conhecimentos, atitudes de leitura e de escrita demandadas, não havendo gradação nem progressão que permita fixar um critério

objetivo para que se determine que ponto, no contínuo, separa letrados de iletrados (SOARES, 2003, p.95).

Com isso, quem é capaz de ler um texto ou criar uma produção textual está produzindo arte, tornando-se também um criador. Criar a partir da leitura de um texto literário é ser capaz de ver em sua beleza e em suas possibilidades a ampliação de horizontes e de percepções diferenciadas do mundo em que se vive.

“Ah! Tu, livro despretencioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será na verdade, imortal.” Cecília Meireles

## 5 CONCLUSÃO

Falar sobre a leitura e a escrita e suas relações com o sujeito requer uma visão ampla e bem definida sobre o assunto, uma vez que ler significa mais do que decifrar signos. Significa ler e interpretar o mundo. E escrever não quer dizer se apropriar apenas do sistema gráfico da escrita, mas saber utilizá-la como uma forma concreta de interpretação da linguagem.

Embora o domínio da leitura e da escrita seja considerado fundamental, este não faz parte do cotidiano de muitas pessoas. Geralmente, isso ocorre pela exclusão social gerada pela falta de oportunidades e de recursos sócio-econômicos, fruto de uma sociedade com sérios problemas de desigualdades e injustiças sócio-culturais.

A escola, no entanto, continua sendo o principal meio de propagação da leitura e da escrita. Em contrapartida, o ensino e a cobrança atribuída ao domínio de apropriação do sistema de linguagem nem sempre levam ao hábito e ao gosto pela leitura. A cobrança e a aprendizagem mecânica ainda percebida nas escolas antes contribuem para a total falta de motivação e falta de criticidade nos educandos.

Atribui-se à escola, porém, a função de formar sujeitos críticos, éticos, capazes de argumentar e de refletir sobre os acontecimentos. Pretende-se formar indivíduos capacitados a fazer a leitura e a releitura da realidade, de maneira que se encontrem envolvidos com e não alienados pelo meio ao qual pertencem.

Para que isso aconteça, entretanto, o professor e a própria escola precisam se mostrar atentos e dispostos à construção significativa do conhecimento dos seus alunos. Precisam, sobretudo, cultivar na sua prática pedagógica uma postura de constante investigação. Possibilitar que os alunos, além de compreenderem, se apropriem e façam uso das diferentes dimensões da língua como forma de romper com o distanciamento entre a manifestação da linguagem do aluno em detrimento a da escola.

Assim, falar certo ou errado, entre outros aspectos e sob a ótica das escolas, deixa também de ser visto como oposição e talvez passe a revelar apenas a pluralidade das linguagens.

À luz dessa concepção, é preciso trabalhar a partir do que os alunos já sabem, pensando e elaborando o erro como parte de um processo de construção que olha prospectivamente, que acredita e cria condições para que eles percorram o

caminho sem negar ou desprestigiar a diversidade existente, mas ampliando as inúmeras possibilidades de uso da linguagem.

É preciso, da mesma forma, que se organizem diferentes situações de aprendizagem, de maneira que o educando possa atribuir significado à tarefa que está realizando. A variedade de textos utilizados em sala de aula oferece, portanto, situações que privilegiam o desenvolvimento intelectual da criança. Os textos precisam ser interdisciplinares e envolver conteúdos que possibilitam uma visão ampla e não limitada sobre sua contextualização.

A construção e aplicação deste projeto renderam, sem dúvida, aprendizagens significativas. Este estudo, porém, não está acabado. Sugere e vislumbra novos olhares, de maneira que se continue em busca de instrumentos que melhorem a relação entre o educando, a leitura e a produção textual. Foram, certamente, dados os primeiros passos. Com base na leitura das ideias de vários autores que tratam sobre o tema, o caminho até aqui percorrido instiga a busca por novas descobertas e desafios que complementem ou ampliem as considerações realizadas.

Estou convencida de que se faz necessário o repensar da prática docente com relação ao trabalho da leitura e escrita na escola. Entre outras coisas, é preciso que os professores, através de contínuos estudos, possam aperfeiçoar seus próprios conhecimentos para mudar concepções, inovar a prática e, assim, serem capazes de motivar em seus alunos o gosto pela leitura e pela escrita. De modo que estes entendam tal incorporação como um meio de libertação e apropriação dos bens sociais a que todos têm direito.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

\_\_\_\_\_. **Quem educa quem?** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: E.P.U., 1987.

AGUIAR, Vera Teixeira et al. **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ÁVILA, Souza Ivany. **Escola e sala de aula: mitos e ritos – um olhar pelo avesso do avesso**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BAGNO, Marcos. **O fio de Adriane: a pesquisa na escola em geral**. In: Pesquisa na escola: o que é – como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

BRASIL. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: 1997**.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba – bé – bi – bó – bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, Maria Angélica Freire; MEDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrietta. **Desenvolvendo leitores para toda a vida**. In: Incentivando o amor pela leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FEIL, Isilda Terezinha Sausen. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo.** 10.ed. Vozes, 1987.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1991

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** São Paulo : Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler.** 29ª ed. –São Paulo, Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. **Poder, desejo e memórias da libertação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras.** v.1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ. **Escola, leitura e produção de texto.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. In: DALLAZEN, Maria Isabel. **Histórias de leitura na vida e na escola.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 1982.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TEBEROSKY, Ana; FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

<http://www.blogeducacao.org.br/leitura-uma-janela-que-se-abre-para-o-mundo/>  
<acessado em 03/07/2010>

<<http://www.tudosobreleitura.blogspot.com/2010/01/importancia-da-leitura-no.html>>.  
Acesso em 15/11/2010.



## ANEXO A - Entrevista com professores

**Professora Titular: 1º ANO**

**Perguntas e respostas:**

a) Seus alunos gostam de ler?

*Desde que iniciamos o ano letivo, meus alunos demonstram interesse em aprender a ler. Vejo isso como ponto positivo para a aprendizagem dos mesmos.*

b) Que dificuldades você percebe?

*Como estamos no processo de alfabetização, sinto que alguns têm mais dificuldades em aprender o som e a grafia de algumas palavras.*

c) Como você os estimula a ler?

*Faço muita leitura, treino ortográfico, caligrafia, recortes de palavras sempre associando as gravuras das mesmas, facilitando a memorização.*

**Professora Titular: 2º ANO****Perguntas e respostas:**

a) Seus alunos gostam de ler?

*Meus alunos são um pouco resistentes à leitura. Muitos só folheiam os livros. Preciso obrigá-los a ler cobrando tarefas no caderno.*

b) Que dificuldades você percebe?

*Preguiça, falta de vontade de ler. Nas produções textuais, é uma briga pedir no mínimo que escrevam meia dúzia de linhas.*

c) Como você os estimula a ler?

*Exijo que leiam sempre.*

*Cobro atividades de leitura.*

*Tenho o cantinho da leitura na sala de aula e deixo eles freqüentarem após suas tarefas.*

*Faço produções textuais uma vez por semana no mínimo.*

**Professora Titular: 3º ANO****Perguntas e respostas:**

a) Seus alunos gostam de ler?

*Meus alunos gostam de ler, somente aquilo que lhes interessa.*

b) Que dificuldades você percebe?

*Concentração, ortográficas. Eles lêem mal e escrevem pior ainda. Tem muitos com erros graves de alfabetização.*

c) Como você os estimula a ler?

*Constantemente, peço que leiam livros de acordo com sua idade e gostos.*

*Os levo a biblioteca, deixo que escolham aquilo que querem ler.*

*De vez em quando faço teatro de algum livro que leram ou outra atividade para os estimular à leitura.*

*Gosto também de fazer livrinhos com eles e o cantinho da leitura na sala de aula.*

**Professora Titular: 4º ANO****Perguntas e respostas:**

a) Seus alunos gostam de ler?

*Meus alunos lêem somente obrigados.*

*Percebo que não gostam de ler livros com muitas páginas. Quando os mando a biblioteca é uma briga. Muitos escolhem livros indicados às séries iniciais por serem menores de ler.*

b) Que dificuldades você percebe?

*Preguiça em ler. Na sala de aula gostam mais de copiar do que produzir algo que seja seu. Vejo que por termos turmas enormes, fica difícil para nós professores trabalhar melhor a leitura.*

c) Como você os estimula a ler?

*Tento criar um ambiente que estimule a leitura – cantinho de leitura, cantinho de bilhetes – confecção de cartazes com sugestões de livros que leu e gostou. Ou que criem álbuns de poemas, trava-línguas, etc.*

## ANEXO B - Entrevista com alunos

**Aluno:** W. (7 anos)

### **Perguntas e respostas:**

a) Você gosta de ler?

*Sim.*

b) O que você costuma ler?

*Adoro ler gibis de super-heróis e livrinhos de lendas e charadinhas.*

c) Seus pais costumam ler?

*Sim. Eles me dão livrinhos quando peço.*

d) Onde você costuma ler?

*Leio em casa, antes de deitar. E na escola – sempre termino rápido, e a professora deixa eu ler.*

**Aluna: C. (8 anos)**

**Perguntas e respostas:**

a) Você gosta de ler?

*Sim.*

b) O que você costuma ler?

*Livrinhos de animais, curiosidades, princesas e os da biblioteca escolar.*

c) Seus pais costumam ler?

*Às vezes.*

d) Onde você costuma ler?

*Leio na minha vó ou na minha dinda quando vou visitá-la. Também leio na escola.*

**Aluno: Q. (11 anos)**

**Perguntas e respostas:**

a) Você gosta de ler?

*Não. É muito chato.*

b) O que você costuma ler?

*Gosto de ler livros de super-heróis, não gosto de ler livrinho infantil, é muito sem graça!*

c) Seus pais costumam ler?

*Não. Eles são separados.*

*Minha mãe chega cansada do trabalho e vai dormir.*

d) Onde você costuma ler?

*Eu na verdade, prefiro jogar videogame ou olhar DVD.*

**Aluna: L. (8 anos)**

**Perguntas e respostas:**

a) Você gosta de ler?

*Às vezes, na escola.*

b) O que você costuma ler?

*Leio livrinhos de aventura, dinossauros, ou das Meninas Poderosas.*

c) Seus pais costumam ler?

*Não.*

d) Onde você costuma ler?

*Leio mais na escola, do que em casa, pois em casa geralmente brinco, olho TV, ou vou passear com minha mãe.*



**Aluno: R. (9 anos)**

**Perguntas e respostas:**

a) Você gosta de ler?

*Não.*

b) O que você costuma ler?

*Não leio, pois não consigo ler algumas palavras e não entendo o livro todo.*

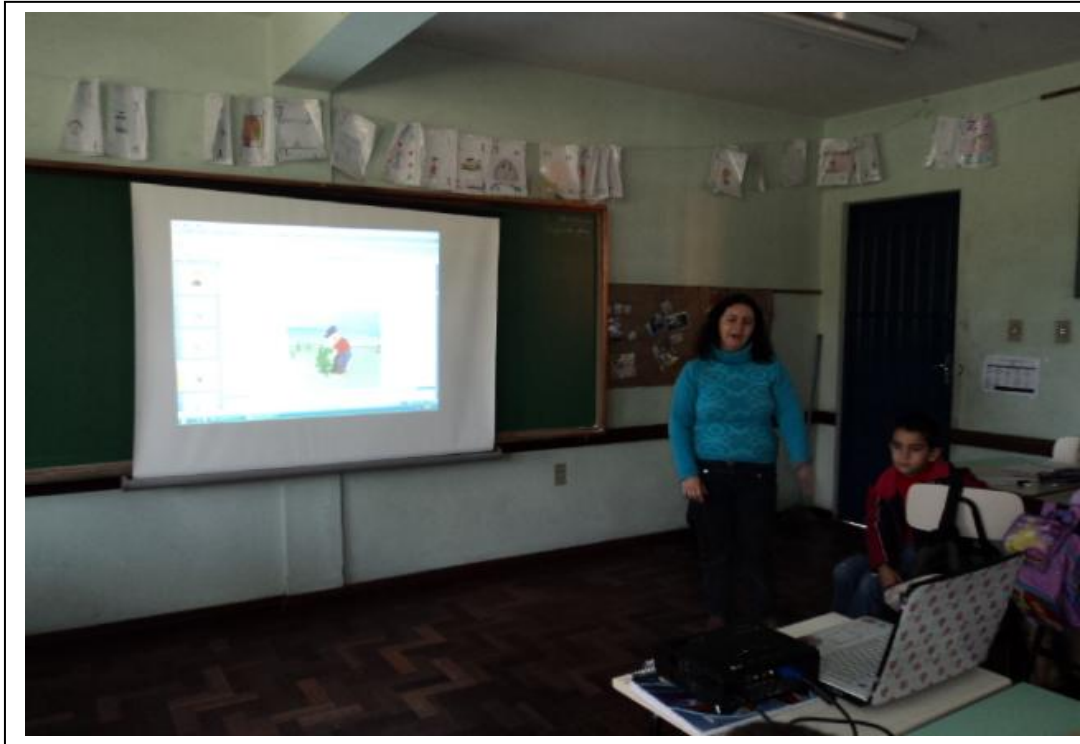
c) Seus pais costumam ler?

*Não.*

d) Onde você costuma ler?

*Só na escola. Eu repeti a 1ª série e depois passei fraco, por isso só leio na escola, pois a professora me ajuda e em casa minha mãe vive trabalhando e não tem tempo para me ensinar.*

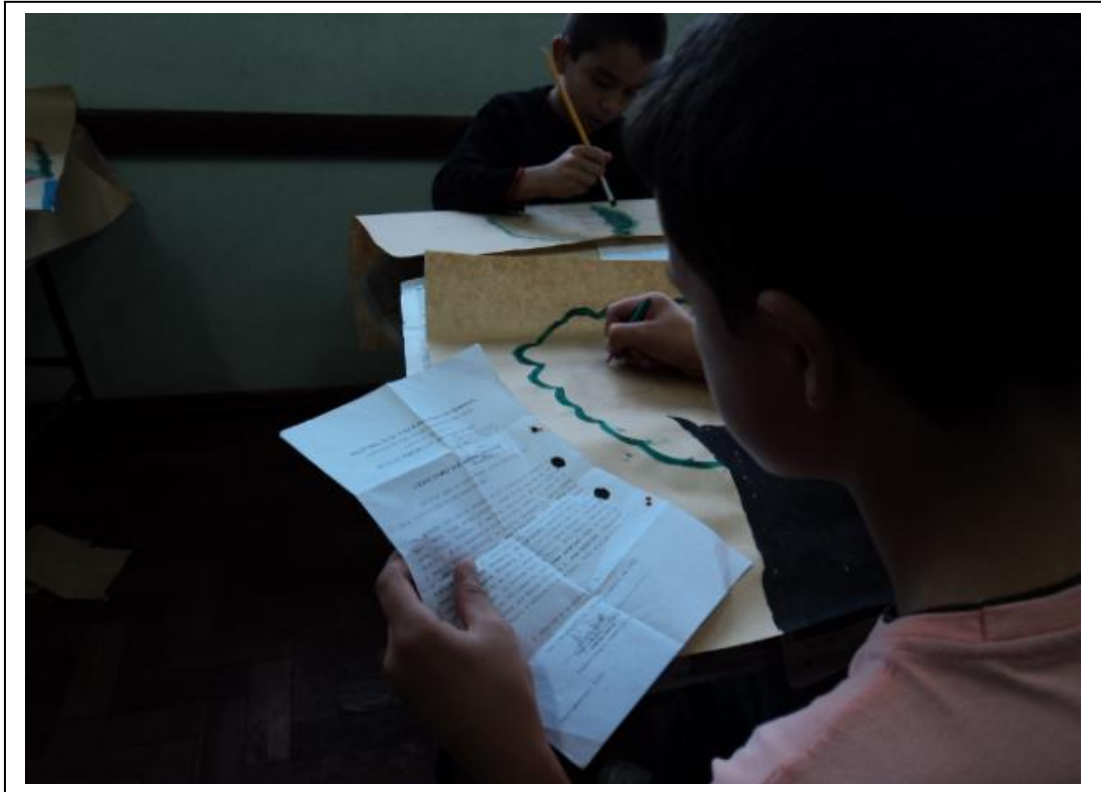
## ANEXO C - Fotos da prática docente



Contaçon de história



Pesquisa sobre Árvore Genealógica



**Construção da Árvore Genealógica**



**Trabalho com a música “Gente tem sobrenome”**



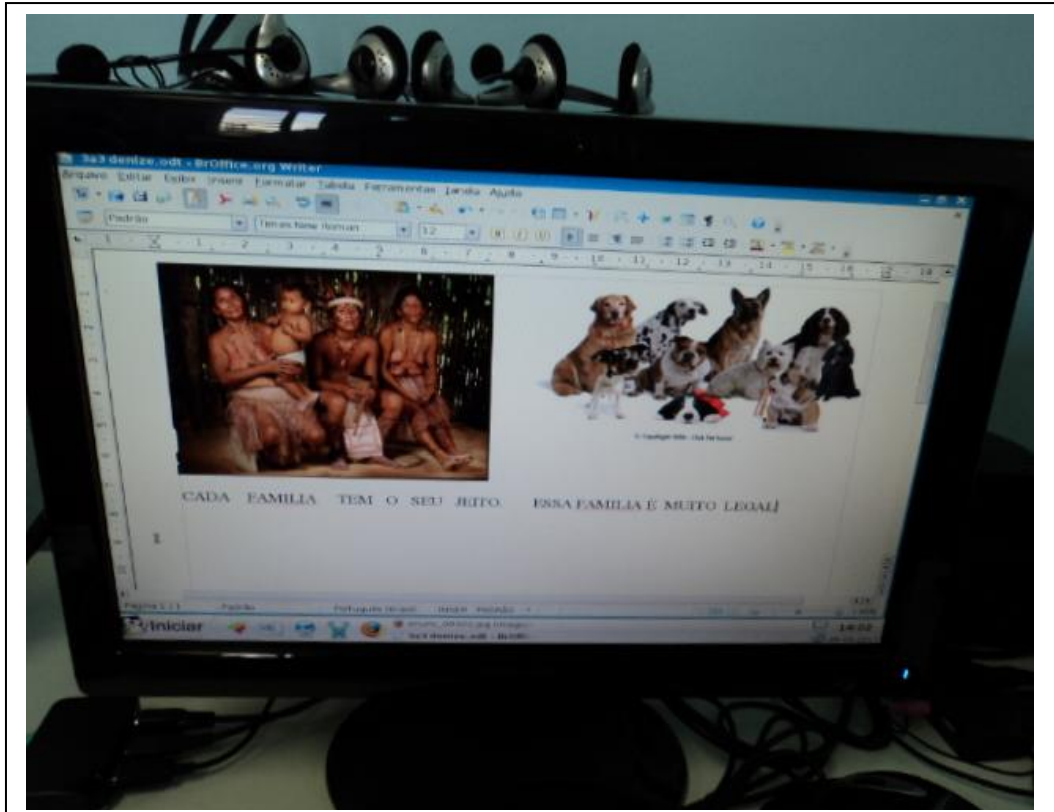
**Apresentação do livro “Menina bonita do laço de fita”**



**Trabalho com jornal**



Dramatização de uma história



Cartaz virtual



**Leitura da história “Menina bonita do laço de fita”**



**Apresentação do livro**



Jogral